

ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 249 do 5.º Ano—N.º 49

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 2 de Setembro de 1915

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesa

A espera da sorte...

Com a perfeita resignação fatalista dum árabe, estamos aguardando que a guerra decida do futuro da nacionalidade portuguesa. Antecipadamente, em nosso espírito assentamos como inquestionável—se vencer a Alemanha temos que presentear-lhe imediatamente com todo o nosso vasto domínio colonial e viver aconchegados numa dependência servil, embora mais ou menos declarada, mas representando de facto a exploração económica e a garantia do comércio marítimo a uma nação, que há muito nos cubica com a fome de hiena, e assim magnífica e abundantemente recompensada duma neutralidade comodista, que de resto a encheu de dinheiro; mas, triunfando os aliados, então Portugal veria assegurada e reconhecida a sua autonomia, entrando nobremente, como uma tradição e uma força, no novo concerto europeu, retomando o império colonial, que tantos sacrificios e vidas nos tem dolorosamente custado. E, como temos como absolutamente certo o dilema: de morte, triturados nos intestinos da giboia, ou liberdade, a nossa verdadeira legitimação internacional, a paz de nossos filhos em sua casa, encolhem os ombros numa safada exibição de fraqueza, a ver o que calhará...

Enquanto nas trincheiras de França e nos campos da Polónia, homens se batem e morrem pelo nosso destino, satisfazemos a curiosidade lendo no *Janeiro* ou no *Século* os comunicados e já mesmo de nossas conversas ociosas à mesa arredamos, enfastiados, a pavorosa visão da mais tremenda sangueira que tem regado o planeta, da mais indomável chacina que entenebrece a história. E por demais nos entendemos quites com a dificuldade e carestia das subsistências, pois que todos, no orçamento doméstico, tivemos heroicamente de fazer cortês, tanto quanto o permitia a enorme elasticidade do nosso estômago e a exigência luxuosa de nossas mulheres, bem por certo diminuindo mais às contas da mercearia que à trapagem das modistas.

Ninguém, sem arrepio, pode encarar de frente a tragédia do tempo em que vivemos. Se fôs-

semos a confrontar o que nos dizia a civilização e a ciência, os nossos ideais humanitários e as nossas excelentes relações sociais, com o panorama da guerra, a renascença impetuosa da pior selvajaria ancestral, viria felizmente a loucura na lógica seqüência do nosso febril desespero, da mais vergonhosa, da mais assassina desilusão de quantas no espírito do homem criaram raizes.

Seja qual for o sacrificio, temos deveres de honra a cumprir, e as lamentações assustadas, por mais sensatamente profundas, apenas lhe aumentam o custo: o suicídio moral será bem mais amargo de ignomínia que a pior tortura da morte física, que veio encontrar-nos de pé, serenos, no nosso posto. E de ambas as maneiras se morre.

Entretanto, o nosso fatalismo, que não pode ainda acunhar-se de cobarde, é pelo menos imensamente estúpido.

A relativa paz, em que nos deixamos vegetar inúteis, devia ser, num trabalho intenso, pondo em esforço uma actividade tam fortemente disciplinada e alerta como a guerreira, sem demora aproveitada visando a que fôssemos, em qualquer conjuntura, um verdadeiro, um real, um legítimo valor, uma nação com a sua importância definida, com as suas características insubstituíveis e inassimiláveis.

Cada um, o operário, o industrial, o letrado, tem o seu posto e a sua tarefa numa indicação tam clara como a do soldado, o seu quarto de sentinela e as suas horas de combate, lutando para que se tornasse evidente, pelo arreigamento de tradições e conquista de meios próprios de vida, que em Portugal havia portugueses, com trabalho português, com costumes portugueses, traduzindo a força autonómica da nação portuguesa.

Assim interviriámos de facto no futuro da nossa Pátria, e, no desenlace, teríamos o direito de falar e ser ouvidos.

Um povo não desaparece como o cadáver devorado pela hiena ou o boi engulido pela giboia. E, corridas as horas de brutalidade em que domina a força, a voz do povo que ela esmagou, se é de Justiça, vencerá sempre.

ECOS

O Triunfador (?)

¿Querem saber quem triunfou até hoje na guerra europeia? Diz a «Liberdade», com ressonância, no seu n.º de domingo, que foi Jesus Cristo:

«Sim, Jesus Cristo triunfa e, volvido um ano de guerra, é ele até hoje o único, o indubitável triunfador.»

¿Desgraçado triunfo que assenta no morticínio dos povos!

¿Como seria um triunfo bem maior e bem mais digno de Jesus Cristo se ele, ouvindo as preces do seu representante, o Papa, fizesse baixar a paz sobre os campos de batalha!

Outro? ...

A «Liberdade», de 19, escreveu que as estatísticas provam ter a criminalidade aumentado. E acrescenta:

«Reparem os leitores na assoladora propaganda da pornografia que por aí vai e na estupidez das gazetas que combatem a moral cristã.»

Não percebemos! ¿Com que então vence o catolicismo, aumenta a fé, revigora-se a acção católica, Jesus Cristo triunfa—todos os dias dizem isto—e, a despeito deste terreno ganho, a criminalidade aumenta, a pornografia desenvolve-se e a estupidez das gazetas jacobinas não tem limites! Não percebemos, francamente.

Embróglie

O «Echos...», reproduzindo as palavras de Cunha e Costa, diz num mixto de entusiasmo e de admiração:

«A afinidade entre nós é completa...»

Traduzindo, pois, esta afinidade, temos: que o «Echos...», morrendo embora monárquico impenitente, perdeu de todo a fé na salvação do país e entende que contra o mal que aflige a pátria portuguesa só há um remédio: é a administração estrangeira!

Entanto, estes... desalentados amigos da intervenção, saudam o rei de posto, chamando-lhe «esperançoso rei» duma esperançosa família «de quem a pátria ainda tem a esperar muitíssimo.»

Um verdadeiro embróglie esta causa monárquica dalguns degenerados portugueses.

Cada vez... estão piores!

Na vitória dos aliados, não seria menos levantado e digno que se quebrasse a humilhação duma subalternidade que apenas suportam os que são verdadeiramente fracos de carácter.

Mas... ¿que dirá hoje o comunicado da guerra? Vamos ver os macaquinhos da *Ilustração*.

Murchos, es-traideres!

E' sabido que Cunha e Costa se passou de republicano assanhado a monárquico rabioso, escrevendo neste segundo papel—o comediante insigne!—pujantes artigos de cega confiança restauracionista. Durou pouco, todavia, a fogueira do seu entusiasmo, e agora ai está ele, que escreve num fundo desalentado:

«Não estranhem, pois, (nós cá não estranhámos nada!) que embora fazendo votos pelo êxito da causa monárquica, tenha perdido de todo a fé na salvação do país.»

Mais exclama o moribundo sem vergonha:

«E contra este mal só há na História um remédio que o patriotismo (marca anzolé) manda calar.»

¿O remédio que este insigne... ferro velho político encontra no grande laboratório da história é, como um mais honesto patriotismo manda revelar,—a intervenção estrangeira!

Compreendam-no! Faz votos «pelo êxito da causa monárquica» e deixa ver que «o único remédio» para curar a sociedade portuguesa está na administração estrangeira...

¿Que ordinário português e que complicado Bandarra!

Bem dizia o pai dele que estava ali um... miserável sem vergonha e uma alma de cebarde.

Pois que a história se cumpra dando o povo a estes traidores a única sorte que eles merecem.

Protestamos

Foi decretada uma amnistia para crimes eleitorais.

¿E onde fica a moralidade de todos nós, os republicanos, portadores dos princípios salutaros que mandavam punir os prevaricadores do sufrágio eleitoral para morigeração dos costumes políticos?!

¿Pois não foi até isso exarado em mais que um artigo da mesma lei eleitoral?!

Em Vizela

Denuncia a «Capital» que ali em Vizela vendem-se às claras bandeiras, medalhas e outros símbolos da rialteza, chamando a atenção do ministro do interior—por duvidar da autoridade administrativa do concelho.

Pois não duvide. A autoridade que representa a República no concelho de Guimarães não é... dos pardos. Simplesmente alia ao seu acendrado republicanismo uma prudência inteligente e calma, sem com isso excluir energia e decisão.

¿E proibida a venda desses símbolos? Há lei que tal indique? Eis o que tauto basta para que ele não hexite nem trepide um momento, fazendo cumprir a lei.

Nem tudo pode estar previsto por lei—dir-se há. E' certo isso. Mas nesse caso a autoridade administrativa não duvidará, agora que tem conhecimento do facto, em proceder conforme melhor se ajuste ao seu critério.

Estejam seguros disso os da «Capital».

Por 12!

O deputado evolucionista sr. Cônego José Maria Gomes apresentou ao parlamento um projecto de lei pelo qual era o nosso liceu elevado a central. Depois de vivamente defender a justiça do seu projecto, foi o mesmo posto à votação, sendo votado por 22 e regeitado por 34.

Com 12 virou Cristo a face à humanidade e por 12 perdeu a cidade um excelente melhoramento.

Efeitos de valores opostos. Esperemos... outra maré.

Espectáculo repugnante

Muito feio, mesmo revoltante é o procedimento daqueles que entendem servir uma causa maltratando presos. O que no Porto succedeu aos presos de Braga e Guimarães é absolutamente condenável, e ninguém que muito preste a República se pode ufanar de semelhante cometimento, ou sequer aplaudir-lo.

Por muito antipáticos que sejam os renegados portugueses envolvidos nestas teimosias de conspirações monárquicas—jámais na presente e delicada conjuntura! não fiea ao povo republicano o direito de tocar em quem sob a alçada da justiça a ela tem de prestar contas dos seus actos.

Se essa justiça não é íntegra, exacta, rigorosa, corram então os magistrados—ou mesmo os políticos que a desorientam com amnistias—mas não toquem em quem vai preso como um vencido.

Semelhante procedimento denota além de falta de civismo—porque é baixo, ausência de carácter—porque é cobarde.

Nós, francamente, protestamos!

Os verdadeiros

Por uma proposta aprovada no parlamento, foi vedada a entrada no professorado a quem não tenha dado completas provas de adesão à República.

Isto de dar completas provas de que se é republicano não é coisa difícil. Mais difícil é saber ser professor a dentro duma democracia nascente.

De resto, é um principio de defeza indispensável.

Patifes mores

Os grandes... moageiros e mais os grandes... panificados rieram dizer, nuns grandes... anúncios, que era grande... a falta de cereal etc. e coisas—isto no dia em que rebentava no norte a 6.ª sarrafusca monárquica. O ministro percebeu-lhes o jôgo e meteu-os na ordem.

—¿Que grandes... patriotas nos saíram estes falsificadores, de quem os tribunais escondem dezenas de processos!

O ÚLTIMO DESVAIRO

Por estas paragens, assaz atreitas a *intentionas* de carácter político, fenecem nos poucos a potência monárquica numa agonia de doente incurável, posto que rabugento.

E quando isto sucede por aqui, no norte de Portugal, onde o elemento reaccionário se inculca por valoroso, deve concluir-se que no sul está inteiramente extinto.

Mas há que considerar, contudo, a incómoda rabugice dum determinado falange de idiotas que se delibaram a entronizar de novo o reisito que não soube aperceber-se contra os percalços que correm os que, como ele, sejam elevados a alta missão de, hoje em dia, governar um povo.

Sim; porque nós não podemos estar todos à mercê dos desvairados de meia dúzia de ineptos a quem dá na veneta, de vez em quando, trazer o desassocção a uma população que cetece trabalhar pacificamente a fim de assegurar-se dos meios de subsistência que agora, sobretudo, tão difficilmente se alcançam num mojar incessante e canceiroso.

Que eles, os palermos que solertemente saem à rua a propósito e despropósito de tudo, tivessem força bastante para, num dado momento, mudarem a face ás coisas, e tornarem em facto aquilo a que pomposamente chamam o seu ideal, era de admitir porque... contra a força é nula a resistência, e, embora nos não conformássemos com a mudança, teríamos que suportá-la, visto que não a importam por modo irresistível.

Mas não; os *simplicios* que se abalançam a tais *intentionas*—infimas criaturas sem cotação moral e completamente isoladas,—continuam como há quatro anos a esforçar-se debalde, por absoluta carência de força, pela realização do seu decantado ideal, parece que só pelo louco prazer de darem com os costados na cadeia e incomodarem os que teem necessidade de trabalhar, e bem, para fins honestos e úteis à sociedade.

Não somos sectários. Os livros, em que temos buscado elementos para haver uma exacta noção das coisas, poderam já estabelecer em nós um justo equilíbrio quanto à crítica a fazer dos factos, sejam de que natureza forem, que nós proponhamos apreciar. O sectário, esse vive à mercê dos caprichos da hallucinação que despertou em si o objecto a que hipotecou

o pensamento. De homem livre transforma-se em besta atrelada ao carro fatal da sua constante meditação.

E, pois que assim é, costumamos discorrer com certa independência, à qual, apesar de tudo, rendêmos a melhor das nossas homenagens.

Não tem explicação plausível o facto de, há dias, meia dúzia de palermoides assaltarem o quartel de infantaria 20, a menos que nos asseverem que os assaltantes estavam atacados de fobia monárquica e, portanto, com as faculdades mentais em irregular funcionamento.

O desvaio que praticaram, os incómodos, alguns bem lamentáveis, a que teem dado causa e a impressão desagradabilíssima que o seu acto deve ter dado de nós a estanhos, exigem que se lhes aplique um correctivo que lhes sirva de duradouro exemplo.

É tempo já de terminar a farsa que vem representando meio dúzia de imbecis sem ideas, sem convicções e fingindo desconhecer a gravidade do momento que o nosso país, como todos os da Europa, agora atravessa.

É possível que, uma vez ou outra, durante a vigência das novas instituições, alguns desmandos praticados por homens que creem, etrudamente, bem servir a República, tenham tornado culpavel qualquer represalia por parte de elementos desafectos ao sistema político por que nos regemos; actualmente, porém, nada vemos que justifique o procedimento pueril, pouco decoroso e nada útil, levado à pratica, aqui e em Braga, por homens que, assim, se tornaram indignos da menor complacência.

Em regra, quem arma os braços desses dementados furtase as responsabilidades que derivam dos actos por eles praticados. Açolam a matilha e vão gosar de palanque o feito do seu trabalho cómodo e isento de inculpação.

De lamentar é que assim succede. A pat desses obreiros inconscientes, mas perversos, deveria estar a *flor*, aromatizada e elegante, dum certo exército sorna, que pachorrentamente se prepara —mas em vão!—para reatar em Portugal o já célebre fio histórico que essa multidão de criaturas ignaras não soube manter intacto nas suas delicadas mãos.

XISTO.

Os monárquicos de Guimarães assaltam o quartel de infantaria 20, cortam as comunicações telegráficas com Braga e Porto num infernal plano de mais uma tentativa (é a 6.ª!) contra a República... que eles sabem irá ser mais uma vez generosa com eles!

Como ainda este numero de jornal está sendo feito a beira mar, damos aqui lugar ao correspondente do Janeiro, o qual assim relata os factos da madrugada do dia 27:

A' hora indicada, alguns paisanos, auxiliados, segundo nos dizem, por um ou dois soldados do mesmo regimento, conseguiram entrar numa das casernas, e, abeirando-se dos cobides, tiraram dali algumas espingardas.

Nesta altura, um dos soldados, de nome João António, n.º 204, da 8.ª companhia, que dormia tranquilamente, pressentindo o que os paisanos estavam a fazer, levantou-se da cama e conseguiu agarrar-se a um deles. Foi então que esse paisano disparou contra o soldado um tiro, ferindo-o. A sentinela, ouvindo a detonação, bradou imediatamente ás armas.

Os paisanos puzeram-se em fuga, deixando duas ou três espingardas pelo caminho que trilha-

ram. Nessa ocasião foram capturados por soldados na parada do quartel três individuos da classe civil, os quais foram conduzidos para a casa da guarda, onde lhes foi passada uma busca pelo official de inspecção sr. Tenente Fraga, sendo-lhes encontrado o seguinte armamento: uma pistola automática e uma espingarda caçadeira, com a qual tentavam ferir a sentinela da parada do quartel. Foram-lhes também apreendidas diversas balas para pistola, inclusivamente três carregadores com cinco cartuchos para pistola Mauser. Dali foram removidos para o calabouço do quartel, onde se encontram incommunicáveis.

O soldado ferido deu entrada no hospital militar.

Apenas se deram estes acontecimentos, o sr. official de inspecção mandou reunir as companhias e colocar sentinelas nas ruas que contornam o quartel do

Proposto, passando em seguida uma busca minuciosa nos quintais contíguos áquele quartel, não dando resultado algum.

Para os lados do Castelo e rua de Santa Cruz também se ouviram uns tiros que deram margem a que a sentinela bradasse ás armas, sendo tomadas as necessárias e urgentes providências.

Os presos civis são: Alvaro Pinto d'Almeida, o «Clatim», Jerónimo Ribeiro de Faria e José de Castro Labo, fundeiro.

Também foram presos os soldados: n.º 310, do 1.º companhia, José Amador, e o n.º 38, da 6.ª companhia, José de Castro.

A mesma bandeiragem monárquica, que obedecia a um plano de *Maria Bernarda* no norte, cortou na mesma madrugada... burlesca as comunicações telegráficas com Braga e Porto, combinando por sua vez que fosse dinamitada a ponte da Trofa, havendo-lhes falhado toda a trama da peça de mais um levantamento assassino.

Como é facil de calcular, o assalto ao quartel não podia ser levado a efeito apenas pelos três... ratas detidos em flagrante. Mais *quichotescos* palermoides foram assaltados para a investida por moínhos, havendo-se pôsto em fuga. Muitos andam a monte, esperando poderem descer ao povoado—quando de cá lhes acoatem com uma *patriótica* amnistia, reclamada em nome... da paz e mais da concórdia da familia portuguesa.

Diversos figurantes destas coisas de *conspirações monárquicas* foram convidados a recolher a cadeia,—lugar seguro onde a vontade poderão combinar mais uma (a 7.ª?) chifrinada, a qual poderá, como as demais, servir para ajudar a aperfeiçoar isto, ao mesmo tempo que lhes servirá para alimentar os ócios criminosos.

Enfim, a nossa terra sabe portar-se bem com o régimen e, por isso, é de esperar que este se não esqueça—da nossa terra.

Portemor importante: Se os republicanos não derem cabo da República, está cada vez mais provado que não são as arremetidas dos monárquicos que coisa tam fácil conseguem—facil para quem traz o tel e mais o país na barriga...

Os presos implicados nos últimos acontecimentos, e que foram enviados para o Porto, ficando a disposição do Juiz de Investigação Criminal, são os seguintes:

Joaquim de Souza Fernandes, António Martins da Silva, Eduardo Azevedo Machado, Custódio José da Silva Filipe, Joaquim da Silva Campos, José Machado Oliveira, António Ferreira Araújo.

Manuel Fernandes Rodmacker Guimarães, Francisco Castro, José Ferreira Ramos, Manuel Martins Ribeiro da Silva, António Ferreira Melo Guimarães, José Cardoso da Silva, Manuel da Silva Marques, Maximino José Ribeiro, João da Silva Canario, António Mendes Ribeiro Vasconcelos, Domingos Gonçalves, Sebastião Ribeiro Costa, e Francisco Ferreira.

Artes Gráficas—Vai fundar-se nesta cidade um núcleo das artes gráficas. Para este fim reuniram, ultimamente, na Federação das Associações Operárias de Guimarães, os operários gráficos desta cidade. Nessa reunião foi nomeada uma comissão composta dos operários daquela arte António de Castro Martins, Francisco Alves da Silva e Manuel José da Costa Guimarães, que não tratam, o mais breve possível, de assuntos que se prendem com a instalação do referido núcleo. A comissão, que reúne diariamente, está tratando do horário que na indústria gráfica estabelece as 8 horas de trabalho.

VÁRIA

O questionário dos moageiros

A guerra tem enriquecido muita gente—os que exploram a morte e com a fome, os corpos que se saciam sobre os cadáveres e os que engordam quanto maior e mais negra é a miséria do próximo. Logo ao principio, os grandes mercieiros, que tinham os seus armazens carregados, começaram vendendo caríssimos os géneros, elevando os preços (como se fossem comprados depois da guerra) do assucar, do arroz e do bacalhau, que tinham em casa por menos de dois terços, fora todos os outros luctos de sindicatos e atraiços.

Agora apparecem os moageiros, os mais descarados exploradores da pobreza nacional, homens que se banqueteam a champagne e perdem, riado, dezenas de contos, annunciando nos jornais—para assustando, alarmando e levantando o público, forçarem o governo a modificar, atendendo ás suas maravilhosos negócios, a digna attitude que tomou na questão cerealifera—nada mais e nada menos que a fome, a falta de pão no dia seguinte. A audácia não pegou, desta vez. Energicamente procedeu o governo, não se vergando e castigando a arremetida prepotente dos argentários, habituados a mandar e a pagar tudo e todos.

Do coração felicitamos o illustre ministro do fomento, o nosso querido amigo Dr. Manuel Monteiro, por mais esta demonstração evidente da energia e austeridade de carácter que tão bem sabe conjugar com a fidalguia do trato e o brilho da intelligencia.

Os soldados franceses

Aquella República, dizia-se, está a cair de podre! Vejam o admirável esforço da França, em que o amor da Pátria é sentimento puro de todas as paixões!

Um soldado, Martin, depois de onze meses de campanha, mandou ao *Coq Gaulois* a seguinte carta:

«Os nossos dias são tristes e variados, cheios de imprevisto e de aventuras.

Lamentemos o civil que se aborrece, soturno como a chuva, lendo o comunicado da guerra.

Tenho o meu lugar, aqui estou, aqui fico, e olho as imagens. Melhor do que nas fotografias, vejo os aeroplanos aureolados de nuvens brancas no céu azul. Ouço a descarga dos shrapnells e o seu assoiabar abafado, mas que ouve o grande público? A guerra tem muitas vantagens: faz-se tão depressa a *toilette*! Não há necessidade de esperar que um criado pague e vagaroso, acabe de nos escovar. Como a existência se torna simples... Dorme-se muito bem numa calçada—pergunta-se aos coziheiros que, todas as noites, esperam os carros de viveres—. E não é preciso estar bêbedo para roncar na valeta de uma estrada.

Pará que fechar o sono num cobículo empestado? Ah! como a noite é fresca e doce sob o sorriso das estrelas!

Já não limita os nossos sonhos um tecto estúpido. O ar livre circula nos pulmões. A lua carinhosa põe o azeite por causa dos nossos olhos fatigados.

O que é preciso fazer-se: faz-se. Não é complicado...

Quem não pode mais para—menos quando mandam carregar.

Onde está o limite das forças humanas? Ninguém sabe quantos sofrimentos pode suportar.

Ah! é uma magnífica besta de carga o homem...

Quem morre está demitido e

lyre. Cumpriu a sua missão. Está quite.

E é sempre estúpido arreliar-se a gente e não melhora por isso a situação.

A vida é muito curta para a envenenar com recriminações.

Nada de cobardias nem excessos de zelo: é toda a filosofia do soldado francez. O dia não tem 48 horas.

Depois do assalto, o repouso. Depois da vigia, o café quente. Depois da trincheira, o rancho. Depois da guerra, a paz.

Simple e admirável.

Amor da Pátria

Mais uma vez a cidade de Guimarães se quiz notabilizar por um feito ridiculo e covarde de anarquia, sob o clandestino pretexto de defender a restauração não se sabe de quem, mas para que evidentemente continuasse usufruindo as coroas e os pacovios aquella emurchecida mediocridade que ficou chumbada á história do último trágico reinado. Entedia a nossa haldade de convicções, que sentimos activa pela soma de incompensados sacrificios que nos tem custado, remexer na trampa fétida com que os ébrios marióles doutro dia conspurcaram a própria dignidade do povo vimaranense. Não temos cólera, não ardemos em odio nem indignação, nós que somos dessa jacobinagem que vem dando lições de civismo e correção a uma fidalguia da velha e da última hora que, a falar nos cafés, a escrever nos jornais, procede sempre com a mesma tortuosa linha, último figurino ultra chic, dum alquilador, ôdre impando de vinho, as mangas arremangadas, ás pragas, aos urros, á navalhada.

Mas todo o coração se nos cobre de tristeza pelo infeliz destino em que vai caindo, atraíçoados pelos seus próprios filhos, esta Pátria entrosçada no desvairamento de paixões, as mais perversas, nesta hora.

Filosofias...

Saint-Vast—«Oh! vous connaissez la formule: entre une femme du monde et une cocotte, la seule différence sensible c'est que la femme du monde s'habille comme une cocotte, et la cocotte...»

Bouvier—«Comme une femme du monde.»

(*Poliche* par M. Henry Bataille, acte premier, scène VI).

Notícias

Estradas—A câmara dos deputados votou há dias que sejam entregues ás Juntas Gerais as estradas de 2.ª ordem (distritais), assim como as respectivas verbas, em harmonia com o que cada distrito paga de contribuição predial e industrial, e a distribuição do pessoal técnico, para o que é nomeada uma comissão composta de três deputados, dos presidentes da Junta Geral e da Comissão Executiva e dos Directores Gerais de Obras Públicas e de Contabilidade Pública.

Expedicionários—Chega hoje, vindo de Angola, a 12.ª Companhia de infantaria 20.

Escolas de repetição—Em exercícios de escola de repetição, saiu ontem do quartel de infantaria 20 o 1.º batalhão do referido regimento.

Aos nossos leitores recomendamos a infeliz Isabel de Oliveira Rodrigues de Castro, moradora na rua Gravador Molarinho, 81, que já há bastante tempo se encontra lutando com a terrível tuberculose.

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL

PORTUGUÊS

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

SÉDE SOCIAL: Travessa de Santo António da Sé n.º 21

DISPONIVEL

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente empréstimos hipotecários a longo prazo, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortização e depreciação dos títulos, é inferior a 7% tendo os mutuários a faculdade de antecipar, os seus empréstimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que lhe foram entregues no acto do contracto.

Recebe e guarda nas suas magnificas CASAS FORTES quaisquer papeis de crédito «encarregando-se de receber os respectivos juros».

Pedir esclarecimentos ao seu correspondente nesta cidade EDUARDO M. D'ALMEIDA JUNIOR ou directamente à Séde da Companhia.



Casa Penhorista Vimaranesa

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da República, 144—GUIMARÃES

INSTITUTO DE "ASEPSIA",

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empoas medicamentosas diversas, sôros em empoas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

Leiam todos—Senhoras e Homens!

Dois assombrosos inventos scientificos!!!

AMOSTRAS GRÁTIS

Não temendo insucessos e para que aqueles já iludidos com inefficazes especificos anunciados para os mesmos casos, **forneçamos, de graça,** os nossos dois preparados, a titulo de reclamo, para que se possa avaliar os seus surpreendentes efeitos. Quem nos remeter 100 rs, receberá uma elegante caixinha «Crème Richard» (seu valor 200 rs.) com a maneira de usar. De igual modo, por 200 rs., enviamos meio frasco do «Talisman dos Cabelos» (seu valor 400 rs.)

N. B.—Estas importâncias são unicamente para cobrir, em parte, as despesas de correio, frascaria, embalagem, impressos, rótulos, etc.

OBSERVAÇÃO — Só se recebe em pagamento vales postais, outras ordens ou estampilhas de continente da taxa de 25 rs.

O TALISMAN DOS CABELOS

de E' Richard, químico-perfumista de Paris.

é o melhor tónico capilar!

E' o único que faz nascer o cabelo nos sitios onde tenha caído, impede a queda e o branqueamento; extermína a caspa (causa principal da calvicie) e fortifica-o; promove o seu crescimento, desengordura-o e dá-lhe flexibilidade, tornando-o expesso, brilhante e sedoso; mantém a cabeça em irrepreensível asseio, perfuma-a agradavelmente, facilita e conserva o penteado.

Logo aos primeiros tempos de uso se começa sentindo os seus prodigiosos efeitos.

Preço

Um frasco grande 800 rs. Pelo correio 900 rs. Pelo correio registado 950 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da recepção) 1.3030 rs.

O CRÈME RICHARD

Realisa e conserva a formosura das senhoras novas; rejuvenesce e embeleza as de idade!

Torna a pele macia, lisa, alva e perfumada, livrando-a de sardas, pontos, pontos negros, fendas nos peitos, mãos e lábios, cieiro, vermelhidão e escamas farináceas, desenvolve, entrija e arredonda os seios; encobre de maneira maravilhosa, os sinais de bexigas; fixa, invisivelmente, o pó de arroz, não empastando, preserva a cutis da acção do frio e calor.

E' usado, igualmente com vantagem, contra cravos, feridas, etc. Converte assim, por encanto, um rosto pálido, anémico e extremamente feio em formoso, adquirindo uma cor sãdia dum delicado setim e frescura.

Preço

Um boião grande 500 rs. Meio boião 300 rs. Pelo correio mais 25 rs. Pelo correio (registado) 75 rs. Contra reembolso (pagamento no acto da entrega) respectivamente 720 e 520 rs.

Estes preparados não contem substancias nocivas á saúde.

Numerosos atestados comprovam o que afirmamos.

Pedidos a J. T. RHCINE—R. dos Douradores, 167, 2.º—LISBOA

Confeitaria Parisiense

—DE—

DOMINGOS VINAGREIRO & F.ºS

Grande e variado sortido em pasteis.	Especialidade em café à chavena da conhecida marca "A Brasileira,,"	Bombons e rebuçados de todas as qualidades.
Variedade em doces.		Massas e farinhas alimenticias.
Especialidade em doce de ovos.	Serviço de chá	Chá café chocolates e cacau.
Vinhos de mesa, finos e espumosos.	Manteiga da Cooperativa Vimaranesa	Mercearia de primeira qualidade.
Champagnes, Cognacs e licores.		Especialidade em queijo da Serra.
Bolachas Nacionais e Estrangeiras das principais fábricas.	Lunch's Sandwichs	

Executam-se encomendas para Casamentos, Baptisados e Soirées.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Ano	1\$200 rs.
Semestre	600 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "
Número avulso	30 "

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão